

# Dinâmicas dinásticas no Líbano: transmitir o poder político em família<sup>1</sup>

Ward Vloeberghs

**Resumo:** Desde o estabelecimento da democracia parlamentar libanesa em 1926, o número de deputados e ministros das dinastias políticas permaneceu incrivelmente alto. A classificação dessas "famílias" com base em critérios confessionais não tem sentido, uma vez que eles são encontrados em quase todas as comunidades. Além disso, a política e a economia são muitas vezes correlacionadas na constituição dessas grandes famílias: algumas procuram proteger seus bens e investimentos através da representação política enquanto outros reforçam sua ascensão política ao aproveitar das atividades lucrativas dentro do campo da economia. O estudo dos destinos de duas famílias políticas sunitas urbanas – os Salam e os Hariri - fornece uma visão de como uma dinastia política é formada e mantida ou mesmo reinventada em um sistema eleitoral competitivo ou apresentado como tal. Os mecanismos assim identificados revelam a importância de quatro recursos – 1.alianças e redes familiares, 2.interesses econômicos, 3.atividades caritativas e filantrópicas, 4.posicionamento confessional moderado - que dão ao conceito de dinastia política sua plena relevância no Líbano pós-Taif.

## Plano do artigo

### 1. Dinâmica dinástica em contexto

Diversidades confessionais e espaciais-temporais  
O desafio do poder e o poder como desafio  
Os Salam, uma dinastia de Beirute

### 2. Quatro gerações de notáveis

Os recursos  
Um capital simbólico acumulado pacientemente

### 3. Os Hariri, uma dinastia emergente

A conquista do centro a partir da periferia  
A sucessão dinástica: uma herança negociada em família  
Construções locais, apadrinhamento internacional  
Acumulação de capital simbólico

## Sobre o autor

### Ward Vloeberghs

Político e arabista. Depois de estudar no Egito e no Líbano, trabalhou em Marrocos (EGE Rabat, Centro Jacques Berque) e atualmente leciona Ciência Política no Erasmus University College Rotterdam.

[wardvloeberghs@yahoo.com](mailto:wardvloeberghs@yahoo.com)

---

<sup>1</sup> Tradução livre de Ana Vanali. Texto original «Dynamiques dynastiques au Liban: transmettre le pouvoir politique en famille», *Critique internationale*, vol. 73, Nº 4, 2016, p. 71-93. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-critique-internationale-2016-4-page-71.htm>. Acesso 25.outubro.2017. Autorização para a publicação da tradução cedido por Catherine Burucoa, responsável da Revista Critique Internationale (Sciences Po, Centre de Recherches Internationales) no dia 15 de novembro de 2017.

# Dinâmicas dinásticas no Líbano: transmitir o poder político em família

Ward Vloeberghs

O Líbano oferece um quadro excepcionalmente rico para analisarmos o fenômeno dinástico na política. Não há apenas dinastias "jovens", cujas últimas duas ou três gerações têm posições de poder a nível nacional, mas também há um número considerável de famílias estabelecidas desde o século XVIII pelo menos, e que transmitiram o poder para quatro, cinco ou mesmo seis gerações.

Essas dinastias políticas também florescem em uma democracia consociativa<sup>2</sup>. Ao contrário de outros países da região, o Líbano não conheceu o regime autoritário no qual a "deriva dinástica"<sup>3</sup> serviria de mecanismo de sobrevivência. No entanto, o acesso aos círculos de poder hoje é tão fechado que a renovação das elites políticas parece mais ser feita pela promoção da progenitura de uma ordem estabelecida do que através de uma competição eleitoral onde os candidatos com programas partidários opostos enfrentam um ao outro.

Se é errado afirmar que todo o pessoal político no Líbano é de uma família dinástica, pode-se afirmar que a reprodução do político é determinada em grande parte pela influência persistente dessas dinastias. A noção de "grandes famílias" e suas relações com o poder político são bem identificados no Líbano e na região<sup>4</sup>. De acordo com os autores e os contextos, questiona-se tanto as casas políticas (bayt, pl. buyut) quanto as famílias tradicionais ('a'ila, pl. 'À'ilât).

<sup>2</sup> Nota da tradutora: Consociativismo é uma forma de governo que garante a representação dos diversos grupos que compõem um país profundamente dividido ou diverso. É frequentemente adotado para administrar os conflitos que surgem numa comunidade nacional profundamente dividida por razões históricas, étnicas ou religiosas. Seus objetivos são: garantir a estabilidade do governo, assegurar a sobrevivência dos acordos das divisões do poder e a sobrevivência da democracia, evitando o uso da violência política. Quando o consociativismo é organizado segundo as diversas crenças religiosas que convivem num determinado país, é chamado de sectarismo. Um exemplo de governo onde é praticado o sectarismo é o Líbano.

<sup>3</sup> DROZ-VINCENT, Philippe. "Qual futuro para o autoritarismo no mundo árabe?" In: Revue française de science politique, 54 (6), 2004, p. 945-979.

Veja também BROWNLEE, Jason; MASOUD, Tariq e REYNOLDS, Andrew. **A primavera árabe: caminhos da repressão e da reforma**. Nova York: Oxford University Press, 2015.

MCMILNA, M.E. **Pais e filhos: a ascensão e queda da dinastia política no Oriente Médio**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.

YOM, Sean L. e GAUSE III, F. Gregory. "Realeza resiliente: como as monarquias árabes ficam pendentes". In: Journal of Democracy, 23 (4), 2012, p. 74-88.

HERB, Michael. **Tudo em Família: absolutismo, revolução e perspectivas democráticas no Oriente Médio**. NY: SUNY (State University of New York) Press, 1999.

<sup>4</sup> Veja a coleção de ensaios sobre "As grandes famílias do Mediterrâneo Oriental", dirigido por Olivier Bouquet nos Cahiers de la Méditerranée (82, 2011).

Analisarei as dinâmicas do fenômeno dinástico (nascimento, construção e consolidação) no sistema político do Líbano contemporâneo enfatizando o destino de uma casa plurisecular (os Salam) e a de uma dinastia recente (os Hariri)<sup>5</sup>. No entanto, essa comparação de duas famílias sunitas é acima de tudo um convite para uma análise mais detalhada que permita identificar os mecanismos de transmissão de poder de uma geração para a outra, dentro da mesma família pertencente à "elite politicamente relevante"<sup>6</sup>, prestando mais atenção à permeabilidade de setores e interpenetrações entre instituições de decisão e estruturas de poder político e econômico, ao fenômeno de concentração de conhecimento, bens e tomada de decisão nas mãos de uma comunidade de privilégios hereditários não sendo exclusivamente política no Líbano.

### Dinâmica dinástica em contexto

Essa realidade torna delicada qualquer tentativa de circunscrever as dinastias políticas. A maioria dessas famílias opta por uma estratégia complementar: umas ocupam posições de responsabilidade política, mas elas também estão presentes nas atividades industriais e comerciais do país (Douaihy, Fadel, Hariri, Jumblatt, Tueni). Outras fizeram sua fortuna graças a acumulação de bens imobiliários nos séculos XIX e XX, e algumas enriqueceram pela especulação imobiliária nos séculos XX e XXI.

Se a atividade econômica desempenha um papel importante na estruturação do campo político libanês, ela também se espalha por uma distribuição confessional: os lugares parlamentares são atribuídos sob um sistema de cotas que difere em cada eleitorado de acordo com o peso demográfico de cada uma das 18 comunidades oficialmente reconhecidas. Segue-se que o poder é principalmente atribuído as (elites

---

FAVIER, Agnès. "Histórias de famílias, patronagem e clientelismo no espaço político local do Líbano". In: *Annuaire de l'Afrique du Nord*, Volume XLI, 2003, p. 37-66.

SAQR, Y. Saqr. *'Ā'ilāt ḥḥakamat Lubnān (Essa famílias que governaram o Líbano)*. Beirute: al-Markaz al-'Arabī lil-ma'alūmāt, 2008.

BONTE, Pierre; CONTE, Edward e DRESCH, Paul (orgs). *Emirs e Presidentes: figuras de parentesco e política no mundo árabe*. Paris: CNRS Éditions, 2001 (nova edição no prelo em 2016).

<sup>5</sup> Com relação a esses atores não-tradicionais que conseguiram impor genealogias recentes, alguns evocam o surgimento de uma nova leva de representantes políticos dinásticos no Líbano, como por exemplo Nicolas Sehnaoui, Ministro das Telecomunicações (2011-2014), filho do ex-ministro Maurice Sehnaoui originário de uma família que enriqueceu na indústria e no setor bancário nas décadas de 1920 e 1930; Michel Mouawwad, filho do ex-presidente René Mouawwad e da ex-deputada Nayla Mouawwad, ou Ibrahim Azar, filho do antigo deputado maronita Jezzine Samir Azar, próximo de Nabih Berri. Veja EL-ALI, Nadine. "Dinastias políticas". In: *NOW*, 8 de novembro de 2012. Disponível em ([https://now.mmedia.me/lb/en/2013elections/political\\_dynasties](https://now.mmedia.me/lb/en/2013elections/political_dynasties)) (acessado em 10 de maio de 2013).

MROUEH, Wassim. "Crescem os herdeiros políticos do Líbano". In: *The Daily Star*, 7 de fevereiro de 2015. Disponível em <https://www.dailystar.com.lb/News/Lebanon-News/2015/feb-07/286715-lebanons-political-scions-step-up.aspx>. Acesso 28.novembro.2017.

<sup>6</sup> O termo é emprestado de Rola El-Husseini, "Líbano: construindo dinastias políticas". In: PERTHERS, Völker (org). *Elites árabes: negociando a política de troca*. Boulder: Lynne Rienner, 2004, p. 239-266.

das) comunidades confessionais (de fé) mais do que aos partidos políticos que, no entanto, existem<sup>7</sup>. Em sua gestão de conflitos, os atores políticos frequentemente recorrem as famílias de prestígio dessas comunidades, das quais, nenhuma possui a maioria absoluta. De fato, o papel das solidariedades confessionais é muitas vezes superestimado. A preferência pelas famílias políticas com pedigree confirmado procede tanto da aspiração até a continuidade daqueles que confiam neles, e de uma disponibilidade (real ou suposta) dessas famílias em caso de necessidade. Portanto, qualquer tipo de rivalidade, tanto local (Zgharta X Bcharre), ou histórica (Yamani X Qaysi) ou partidária (Amal X Hezbollah) quanto clânica (irmãos X primos), comunitária (maronitas X ortodoxa) ou regional (Shouf X Hasbaya) pode servir de alavanca dessa oposição. Esses antagonismos sutis, mas profundos também constituem a base de uma aproximação (forças libanesas e CPL<sup>8</sup>).

A estima pela instituição familiar também vem de uma estrutura social marcada pelas relações de poder herdadas da Era Otomana, quando a coleta dos impostos do Sultão incumbia os muqāṭa'jī das áreas rurais e os zu'amā do meio urbano. Ao confiar na proximidade com o príncipe, algumas famílias de notáveis (a'yān)<sup>9</sup> conseguiram converter seu poder socioeconômico assim como os recursos atribuídos à sua função em poder político. Outros não hesitaram em transformar sua dominação histórica em uma "economia moral do dom", por meio de práticas *évergétiques*<sup>10</sup>, da redistribuição de prebendas ou da ética do fazer o bem. Com base nessas âncoras profundas, Agnès Favier elaborou um perfil ideal típico da notabilidade, que tem pelo menos três dimensões: o prestígio social, a ancoragem territorial e mediação política<sup>11</sup>. A família

<sup>7</sup> REINKOWSKI, Maurus e SAADEH, Sofia. "Uma nação dividida: o confessionalismo libanês". In: GÜLAP, Haldun. Cidadania e conflitos étnicos: desafiando o Estado-nação. Londres, Routledge, 2006, p. 99-116.

KHALAF, Samir. "Laços primordiais e política no Líbano". In: Middle Eastern Studies, 4 (3), 1968, p. 243-269.

SCHEMEIL, Yves. **Sociologia do Sistema Político Libanês**. Grenoble: Universidade Pierre Mendès França, 1976.

CATUSSE, Myriam e KARAM, Karam. **Retorno dos partidos políticos? Lógica partidária e transformações políticas no mundo árabe**. Beirute, IFPO Press, 2010.

SALAMEY, Imad. **Governo e política do Líbano**. Londres: Routledge, 2013.

<sup>8</sup> Nota da tradutora CPL = Courant Patriotique Libre (Movimento Patriótico Livre).

Também é conhecido como Partido Aounista. Movimento político libanês fundado em 1992 pelo general Michel Aoun representado no parlamento libanês como o Bloco da Mudança e da Reforma.

<sup>9</sup> HOURANI, Albert. "Reforma Otomana e Política de Notáveis". In: HOURANI, Albert; POLK, William e CHAMBERS, Richard (orgs). O começo da modernização no Oriente Médio: o século XIX. Chicago: Chicago University Press, 1968, p. 41-68.

<sup>10</sup> Nota da tradutora: *évergétique* = fruto de benfeitores de cidades, doadores, que realizam benfeitorias em suas cidades natais.

<sup>11</sup> FAVIER, Agnes. "Histórias de famílias, patronagem e clientelismo no espaço político local do Líbano". Artigo citado.

e, *a fortiori*<sup>12</sup>, o pertencer a uma "grande família" são, portanto, elementos estruturalmente determinantes para a participação na vida política no Líbano<sup>13</sup>.

A guerra civil, que começou em abril de 1975 e terminou com o Acordo de Taif<sup>14</sup> em novembro de 1989, afetou profundamente essas famílias nobres outrora incontornáveis, e muitas dentre elas, que dominaram durante a Era Otomana ou mandatária das sociedades altamente hierarquizadas (pela posição social, pelas relações interfamiliares e pelo acesso à propriedade) desapareceram (Abillamaa, Beyhum, Chehab, Harfoush, Nakkad, Talhouq) ou, pelo menos, perderam sua influência ao longo do século XX<sup>15</sup>. Joseph Bahout descreveu bem as estratégias de algumas dessas famílias que, no final da guerra, tentaram beneficiar seus familiares ou sua clientela de redistribuição das riquezas acessando os círculos de poder ou pelo menos mantendo sua relação com eles. No nível local, o caráter hereditário da transmissão das responsabilidades municipais é mantido por algumas famílias como um verdadeiro direito<sup>16</sup>. Entretanto, em escala nacional, essa vontade de transmissão se chocou com as pretensões dos senhores da guerra que se impuseram após o Acordo de Taif. Se algumas famílias conseguiram sobreviver politicamente à guerra, é porque elas encontraram um meio de participar das negociações transacionais conduzidas por uma oligarquia de mercado que se afirmou no Líbano pós-guerra<sup>17</sup>. Essa nova ordem resultou no domínio total do poder de uma pequena elite (de famílias constituintes estabelecidas compostas de atores muito mais recentes), capaz de escolher a dedo todos os novos aspirantes desejam entrar para a cena política.

<sup>12</sup> Nota da tradutora: *A fortiori* é o início de uma expressão latina - *a fortiori ratione* - que significa "por causa de uma razão mais forte", ou seja, "com muito mais razão". Indica que uma conclusão deverá ser necessariamente aceita, já que ela é logicamente muito mais verdadeira que outra que já o foi anteriormente. Um raciocínio é *a fortiori* quando contém certos enunciados que se supõe reforçarem a verdade da proposição que se tenta demonstrar. Traduz-se mais ou menos como "se aceitamos a verdade daquilo, então com muito mais razão temos de aceitar a verdade disto".

<sup>13</sup> DEKMEJIAN, R. Hrair. **Padrões de liderança política: Egito, Israel, Líbano**. Nova York: SUNY, 1975, p. 13: "A noção libanesa de família estendida ('a'ilah) pode ser mais útil do que o conceito de za'im [título honorífico conferido aos líderes comunitários tradicionais] para entender o jogo político e o papel dos dirigentes" (tradução livre do autor). Veja também RISKEDAHL, Diane. **"A soberania dos parentes: discurso político no Líbano pós-Taif"**. In: PoLAR: Political and Legal Anthropology Review, 34 (2), 2011, p. 233-250.

<sup>14</sup> Nota da tradutora: O acordo de Taif é um tratado inter-libanês, assinado em 22 de outubro de 1989, que pretendeu pôr fim à guerra civil libanesa que vinha ocorrendo desde 1975. É apresentado como uma tentativa de restaurar a paz através de um cessar-fogo e reconciliação nacional. Negociado em Taif na Arábia Saudita, é o resultado dos esforços políticos de um comitê composto pelo rei Hassan II de Marrocos, Rei Fahd da Arábia Saudita e pelo presidente Chadli da Argélia, com o apoio da diplomacia americana.

<sup>15</sup> Sobre essas dinastias desaparecidas, veja DALKEN-HAMIE, Judith. **"A competição das legitimidades no sul do Líbano atual: o exemplo das famílias tradicionais de el-Zein e el-Assaad"**, memória em política comparada. IEP: Paris, 2009. SAQR, S. Y. "Ā'ilāt ḥakamat Lubnān" (**Essas famílias que governaram o Líbano**), op. cit.

<sup>16</sup> BAHUT, Joseph e DOUAYHI, Chaouqi (org). **Vida pública no Líbano: expressões e recomposições da política**. Beirute: CERMOOC, 1997.

<sup>17</sup> Sobre essa oligarquia de mercado, veja TRABOULSI, Fawwazi. **Uma história do Líbano Moderno**. Londres: Pluto, 2012 (2ª edição). EL-HUSSEINI, R. **Pax Syriana. Elite política no Líbano pós-guerra**. Siracusa/Nova York: Siracusa University Press, 2012. DIB, Kamal. **Senhores da Guerra e Comerciantes: o negócio libanês e o estabelecimento político**. Readind, Ithaca Press, 2006.

## Diversidades confessionais e espaciais-temporais

No Líbano de hoje, existem dinastias políticas em todas as maiores comunidades confessionais: Karami, Jisr, Fatfat (sunitas), Chamoun, Eddé, Gemayel (maronitas), Arslan, Jumblatt, Daoud (druso), Ghosn, Murr, Sarraf (greco-ortodoxa), Hamadé, Osseiran, Zein (xiitas), Sehnaoui, Skaff, Pharaoun (greco-católica). O fenômeno dinástico é, portanto, transconfessional. É também um dado sociopolítico que cobre todo o território: os Gemayels do Metn, os Eddé de Kesrouan, os Franjeh de Zgharta, os Assaad de Marjayoun, os Khalil de Tire, os Osseiran de Zahrani e os Hamadé de Bekaa.

Algumas dessas casas foram mais bem-sucedidas do que outras na adaptação às mudanças políticas e socioeconômicas do país. Este é o caso dos Jumblatt, provavelmente a mais famosa das dinastias políticas libanesas - Bechir (1775-1825), Said (morreu em 1861), Fouad (1885-1921), Kamal (1917-1977), Walid (1949), Taymour, filho mais velho de Walid (1982), mas também os Gemayel - Pierre (1905-1984), Amine (1941) e Bachir (1947-1982), Pierre (1972-2006) e Sami (1980) filho de Amine, Nadim (1982) filho de Bashir, os Karami - Abdel Hamid (1893-1950), Rachid (1921-1977) e Omar (1935-2015), Faysal (1971) filho de Omar, os Franjeh - Qabalan (1872-1941), Hamid (1907-1981) e Suleiman (1910-1992), Samir (1945) filho de Hamid e Tony (1941-1978) filho de Suleiman, Suleiman (1964) filho de Tony, Tony (1987) filho de Suleiman<sup>18</sup>, ou os Murr - Michel (1932), Elias (1962). A cada geração, essas famílias deram ministros ao Líbano, provando que as dinastias não estão relacionadas a uma era particular na história política do país.

Um fenômeno raro, mas notável em uma sociedade patriarcal, as mulheres sucedem - embora com menor frequência - a seus pais (Leila Solh, Nayla Tuéni, Tracy Chamoun), a seu irmão (Bahia Hariri) ou a seu marido (Nazira Jumblatt, Sethrida Geagea, Nayla Mouawwad, Solange Gemayel). Ainda mais raro é a participação nos negócios de dois membros de uma mesma família que são politicamente opostos (os primos Faysal e Ahmad Karami no gabinete Miqati (2011-2013), os primos Mohamed e Nohad Machnouq no atual gabinete Salam).

## O desafio do poder e o poder como desafio

Se o fenômeno dinástico não é privilégio de um único partido político, alguns partidos confiam mais do que outros nas dinastias. Assim, os Kataëb, os Marada, o Partido Socialista Progressista e o Mustaqbal são respectivamente os redutos das famílias Gemayel, Franjeh, Jumblatt e Hariri. Quanto a Michel Aoun (sem antepassado dinástico e sem descendentes masculinos), ele monopoliza posições-chave em seu partido, o Movimento Patriótico Livre (CPL), em benefício de sua família: a sua filha mais velha, Mireille

<sup>18</sup> Informações Internacionais s.a.l. (sociedade anônima libanesa). "Herança política. Zu'ama e seitas. In: The Monthly, 160, novembro de 2015, p. 4-21.

(casada com Roy Hachem, diretor do canal de TV OTV), substituiu sua filha Claudine (casada com Chamel Roukoz, oficial do alto escalão do exército) como diretora de seu gabinete, enquanto o marido de sua filha Chantal, Gebran Bassil (Ministro dos Negócios Estrangeiros), foi nomeado líder do partido em agosto de 2015 em detrimento de Alain Aoun, sobrinho de Michel e deputado de Baabda. Outros parlamentares do CPL, como Gilberte Zoueïn ou Walid Khoury, representam cada um a terceira geração dessas "novas" dinastias políticas.

Alguns partidos políticos, especialmente os xiitas, como o Hezbollah e o Amal, e os partidos armênios<sup>19</sup> parecem ser muito menos afetados pelo fenômeno da transmissão hereditária do poder. Isso não significa que as histórias da propriedade familiar não os afetem. A ausência de políticos dinásticos dentro do Hezbollah<sup>20</sup> é provavelmente uma escolha fundamentada em outra maneira de praticar a distinção (moral, social, ética) requerida pela elite religiosa xiita<sup>21</sup>.

Dito isto, se o Hezbollah estiver entre os poucos grupos políticos onde os nomes das elites tradicionais são menos comuns, isso não impede as famílias influentes do território de ter uma influência real nessa formação. Aurélie Daher mostrou que vários jogos de alianças históricas e de engenharia eleitoral ocorreram no Norte de Bekaa, e que os laços de parentesco em diferentes níveis (famílias, clãs, ramos) afetam profundamente a adesão ou não do eleitorado ao Hezbollah. Seu estudo revela a imagem complexa de um "partido ideológico que aspira a uma manifestação à sua causa que transcenderia as referências clônicas, familiares e locais"<sup>22</sup>, mas que por razões de sobrevivência política, foi forçado a lidar com as lógicas partidárias, clônicas e confessionais. Este imperativo de sobrevivência política também é observado em Nabih Berri (líder do partido Amal e presidente do Parlamento desde 1992), que organizou a transmissão de seu poder através do controle de uma vasta rede de (altos) funcionários que lhe deviam sua nomeação. Isso nos leva a questionar sobre os recursos que estão à disposição das dinastias.

É claro que o melhor recurso para fundar e manter um poder dinástico no contexto libanês é ter um predecessor carismático com mandato político, de preferência executivo e de longo prazo<sup>23</sup>. Um

<sup>19</sup> GEUKIAN, Ohannes. "Da neutralidade positiva ao sectarismo: como e porque os partidos políticos armênios tomaram um lado na política libanesa no período Pós-Taif (1989-Presente)". In: *Middle Eastern Studies*, 45 (5), 2009, p. 739-767.

<sup>20</sup> Nota da tradutora: Fundada em 1985 o Hezbollah ou Hizbollah é uma organização com atuação política e paramilitar fundamentalista islâmica xiita sediada no Líbano.

<sup>21</sup> MERVINS, Sabrina. "Carisma e distinção: a elite religiosa xiita". In: MERMIER, Franck e MERVIN, Sabrina (orgs). *Líderes e apoiantes no Líbano*. Beirut: IFPO Press / Paris, Karthala, 2012, p. 321-351.  
SHANAHAN, Rodger. "De Tiro a Teerã: ligações transnacionais entre as famílias libanesas clericais xiitas". In: *Journal of Shi'a Islamic Studies*, 6 (3), 2013, p. 307-322.

<sup>22</sup> DAHER, Aurélie. "Hezbollah de frente para os clãs e as grandes famílias de Bekaa do Norte: as eleições municipais de 2004 na cidade de Baalbek". In: MERMIER, Franck e MERVIN, Sabrina (orgs). *Líderes e apoiantes no Líbano*. op. cit. p. 421.

<sup>23</sup> Por exemplo, entre os membros do governo atual, Tammam Salam, Mohammad Machnouq, Michel Pharaoun e Nabil de Freige são todos filhos de ex-ministros, enquanto Ghazi Zeaiter e Boutros Harb são, respectivamente, filhos e sobrinhos de antigos deputados.

mandato legislativo também é um recurso precioso: entre 1920 e 1975, vinte e seis famílias sozinhas detinham um terço dos assentos no Parlamento<sup>24</sup>, postos ministeriais e parlamentares foram monopolizados por 211 famílias<sup>25</sup>. Hoje, no Parlamento (2009-2017), 36 Deputados dos 128, quase um terço, são aparentados *via* uma descendência direta (irmão, irmã, filho ou neto) ou indireta, mas próximo (primo, cônjuge) às figuras políticas libanesas.

Outros mandatos de função pública (ministérios, forças de segurança, empresas estatais) mas também postos no setor privado são usados para manter essas dinastias no poder. Portanto, a obtenção e a distribuição do maná político são o objeto de lutas ferozes. A cultura consociativa do sistema libanês e o compartilhamento do poder perpétuo que se segue facilita ou mesmo exige o controle das elites sobre os recursos disponíveis. Alguns observadores qualificaram a prática política que surgiu pós Taif (ou seja, uma distribuição sistemática das partes (muḥāṣaṣa) entre os principais atores) de incentivo direto para fortalecer a ordem estabelecida, com todos os abusos que podem daí resultar<sup>26</sup>. As famílias políticas libanesas, portanto, têm interesse em lidar com várias ferramentas ao mesmo tempo, afim de poder assumir seu status de forma duradoura e praticar suas relações clientelistas. Resta explorar como esta estratégia se materializa no caso dos Salam e dos Hariri.

### Os Salam, uma dinastia de Beirute

Originários de três gerações sucessivas de filhos únicos (Muhammad, Abdallah, Abd al-Jalil) entre 1750 e 1830, os membros da família Salam estão entre os notáveis sunitas mais influentes de Beirute há 150 anos. Respeitado por todos os atores políticos libaneses, esta linhagem de prestígio impressiona tanto por sua resiliência quanto pelo entrelaçamento no tecido social do interior árabe.

<sup>24</sup> LAGARDE, Dominique e HADDAD, Scarlett. "As grandes famílias". In: L'Express.fr ([http://www.lexpress.fr/news/world/near-east/the-great-families\\_486731.html](http://www.lexpress.fr/news/world/near-east/the-great-families_486731.html)) (acessado em 3 de outubro de 2012). Um exemplo notável de poder herdado é o caso de Ghassan Moukheiber, que entrou no Parlamento em 2002, depois de uma eleição parcial disputada, realizada após a morte de seu tio Albert, deputado greco-ortodoxo do Metn desde 1950. Ainda que tenha recebido apenas 2% dos votos, Ghassan Moukheiber foi agraciado com a cadeira vaga pelo Conselho Constitucional, tornando-se o terceiro candidato na disputa entre o anti-sírio Gabriel Murr (cuja vitória foi invalidada) e a pró-síria Myrna Murr (filha de Michel e irmã de Elias Murr). Ghassan Moukheiber foi reeleito em 2005 e 2009.

<sup>25</sup> HARIK, Iliya e LUBNAN, Man Yahkum. **Quem governa o Líbano?** Beirute: al-Nahar, 1972.  
MESSARA, Antoine Nasri. **A estrutura social do Parlamento Libanês (1920-1976)**. Beirute: Publicações da Universidade Libanesa, 1977 citado em FAVIER, A. "Histórias de famílias, patronagem e clientelismo no espaço político local do Líbano", art. citado, p. 40.

<sup>26</sup> LEENDERS, Reinhold. **Despojos da trégua: corrupção e construção do Estado no Líbano pós-guerra**. Ithaca: imprensa da Universidade Cornell, 2012.  
AL-JAMMAL, Khalil. **As ligações da burocracia libanesa com a comunidade mundial**. Paris: L'Harmattan, 2005.



### Quatro gerações de notáveis

Durante o último quarto do século XIX, Beirute, até então um porto secundário, tornou-se um centro político de importância regional. Por iniciativa de Ali Salam (1836-1885), rico comerciante de cereais por atacado e politicamente aberto a tendências ocidentais, a família mudou-se para Moussaytbeh Hill. Ali morreu jovem, aos 49 anos, mas as sólidas bases do poder familiar que ele estabeleceu garantiu a Salim (1868-1938), o mais novo de seus três filhos, uma carreira brilhante.

Salim assumiu seu lugar aos 17 anos, realizando múltiplas funções ao mesmo tempo políticas (presidente do município, deputado de Beirute no Parlamento Otomano) e econômicas (presidente do Banco Agrícola, membro do Tribunal do Comércio). Suas posições pró-árabes contra os ocupantes otomanos e depois franceses fizeram dele um dos mais proeminentes nacionalistas de vanguarda. Empreendedor, lúcido e acessível, ele se destaca como o principal notável libanês sunita na véspera da Primeira Guerra Mundial. Seu carisma lhe rendeu popularidade local e o apelido de "Abu Ali" ("pai de Ali", de acordo com seu filho mais velho), bem como uma rede de contatos internacionais que ele colocou ao serviço de suas ambições<sup>27</sup>.

Salim teve uma grande prole (nove filhos e três filhas), mas é o sexto filho Saeb (1905-2000), e não o filho mais velho Ali (1889-1961), que representou a casa nas eleições legislativas de 1943. A sucessão de Salim recaiu sobre uma consulta interna entre os filhos mais novos. Dirigido por um dos irmãos, Malik, estes apresentaram uma lógica pragmática e meritocrática e acabaram por convencer Ali de deixar Saeb, julgado mais qualificado e melhor conectado à elite da época, que pegasse a tocha<sup>28</sup>. Salim tendo ele mesmo sucedido a seu pai neste espírito, e isso sem a oposição de seus irmãos mais velhos Abd al-Jalil e Kamil, fez com que a irmandade pudesse confiar em um antecedente de prestígio privilegiando o princípio do mais apto em detrimento do princípio do ancião (al-aqdar wa laysa l-akbar), sem que Ali se sentisse humilhado.

O caminho de Saëb confirmou a previsão de seus irmãos. É principalmente na segunda metade da década de 1950, que ele se afirmou como líder comunitário tradicional (za'im)<sup>29</sup> e se tornou um político inteligente e carismático. Seu oportunismo manifestou-se em particular quando escolheu sacrificar o seu apoio a Nasser do Egito para se aproximar da Arábia Saudita e então se opôs ao socialismo árabe. Do mesmo modo, para assegurar sua sobrevivência política, mostrou-se pronto para reconciliar com seu ex-

<sup>27</sup> SALIBI, Kamal. "Beirute sob os jovens turcos: como descrito nas memórias políticas de Salim Ali Salam (1868-1938)". In: BERQUE, Jacques e CHEVALLIER, Dominique (orgs). Os árabes por seus arquivos (séculos XVI-XX). Paris: CNRS Éditions, 1976, p. 193-216.

<sup>28</sup> Entrevista com Oussama Salam, Beirute, 10 de janeiro de 2016.  
Nota da tradutora: o autor utiliza a expressão francesa "reprendre le flambeau" que significa confiar a outro a continuação de uma empresa ou de qualquer outra responsabilidade.

<sup>29</sup> PICARD, Elizabeth, "Uma Sociologia Histórica do Za'im Libanês". In: CHARTOUNI, Charles (org). **História, sociedade e poder no Próximo Oriente e Médio Oriente**. Obras dedicadas a Toufic Touma. Paris: Geuthner, 2001, p. 157-172.

rival, o presidente anti-nasseriano Camille Chamoun<sup>30</sup>. Primeiro ministro de seis equipes governamentais sob quatro presidentes sucessivos - Bichara Khoury (1943-1952), Camille Chamoun (1952-1958), Fouad Chehab (1958-1964) e Suleiman Franjeh (1970-1976) - Saëb Salam também foi membro do Parlamento de Beirute durante meio século, de 1943 a 1992. Voltando para o Líbano em 1994, depois de um exílio de nove anos durante a guerra civil, ele legou ao filho Tammam (nascido em 1945), o mais velho de seus cinco filhos (três filhos e duas gêmeas) uma formação preciosa e um capital de apoio popular considerável<sup>31</sup>.

Em 1978, ele trouxe o Tammam<sup>32</sup> para a administração da Associação Makassed de Beirute (a principal organização, do lado sunita, das obras islâmicas de caridade) para treinar na gestão de assuntos públicos. Tammam tornou-se o presidente desta poderosa instituição filantrópica em 1982 e permaneceu até 2000, data da morte de Saeb Salam. Este ano também foi aquele da esmagadora vitória eleitoral do novo homem forte, Rafiq Hariri. Alguns anos antes, em 1996, Tammam foi eleito pela primeira vez como candidato independente em uma lista patrocinada por Rafiq Hariri, então primeiro-ministro. Em 2000, ele perdeu seu assento como deputado e decidiu não se candidatar em 2005, quando o assassinato de Hariri em 14 de fevereiro altera o acordo<sup>33</sup>. Tammam é rápido para declarar sua adesão de lealdade em princípio à Aliança da "independência" de 14 de março liderada por Saad Hariri e contra o Hezbollah liderando o campo "legalista" de 8 de março, favorável ao eixo de Damasco-Teerã.

Seguindo o Acordo de Doha (que intervém após a tomada, em 7 de maio de 2008, dos bairros sunitas que apoiaram Hariri com milícias xiitas aliadas em 8 de março), Tammam tornou-se Ministro da Cultura (2008-2009) e retornou ao hemiciclo em 2009 graças a um acordo eleitoral com Saad Hariri. Em 6 de abril de 2013, ele é nomeado pelo presidente Michel Sleiman (2008-2014) para formar um novo governo. Embora tenha sido anunciado por Walid Jumblatt (líder de um bloco parlamentar cujo voto é crucial), esta nomeação de Tammam ao posto de primeiro-ministro não poderia ter sido feito sem a aprovação do ex-primeiro-ministro Saad Hariri e o consenso da corte saudita, chefe exterior dos sunitas libaneses. É, portanto, em uma lógica de riscos calculados que seus chefes locais e regionais permitiram a Tammam Salam emergir como uma figura consensual em um momento onde o impasse da crise síria -

<sup>30</sup> JOHNSON, Michael. **Classe e cliente em Beirute. A comunidade muçulmana sunita e o Estado libanês 1840-1985**. Reading: Ithaca Press, 1986.

<sup>31</sup> SHEHADI, Nadim. "**Saib Salam**". In: The Guardian (<https://www.theguardian.com/news/2000/feb/01/guardianobituaries1>), 1 de fevereiro de 2000 (acessado em 25 de junho de 2016).

<sup>32</sup> Nota da tradutora: Tammam Saeb Salam, nasceu em 1945. Em 1978, ele se tornou membro do conselho da fundação Makassed em Beirute (fundada por seu pai), que é uma organização de caridade sem fins lucrativos, e durante 18 anos, ele dirigiu essa fundação. Foi Ministro da Cultura no ano de 2008, até 2009. No dia 4 de abril de 2013, ele foi nomeado como primeiro-ministro, e encarregado de formar um novo governo. Ele é o filho mais velho de Saeb Salam, ex-primeiro-ministro do Líbano. Sua mãe, Tamima Mardam Beik, é de origem síria, da cidade de Damasco. Seu avô, Salim Ali Salam, foi uma das autoridades libanesas, que atuou como deputado em Beirute no parlamento otomano e foi também o chefe do Município de Beirute.

<sup>33</sup> HADDAD, Simon. "**Por quem votámos?**" In: *Outre-Terre*, 4 (13), 2005, p. 335-354.

devido, em particular, à implicação dos atores libaneses nas hostilidades - agravou a usura do regime político libanês. Para os Salam, esta nomeação de Tammam - quarenta anos após o final do último mandato de seu pai Saëb e treze anos após a marginalização da família frente a vitória de Rafiq Hariri - é uma reabilitação no mais alto nível. Convém, portanto, questionar os meios disponíveis dessa família para inspirar confiança em tempos de instabilidade e perpetuar seu poder político.

### Os recursos

É antes de tudo pela escolha das alianças matrimoniais que a família Salam desenvolveu uma vasta e poderosa rede social de parentesco que lhe permitiu fortalecer seu prestígio e seu status público. Desde o início, essa estratégia de alianças com as principais famílias de notáveis de bilād ach-Chām (Grande Síria) revela um fator determinante na patrimonialização de seu poder. Na metade do século XIX, Ali Salam se aliou indiretamente a família de Ahmad al-Agharr, o naqīb al-achraf (decano dos descendentes do profeta, uma função de grande prestígio), casando-se com Fátima Shatila, cuja mãe, Atkeh Jabr, é a irmã de esposa de al-Agharr<sup>34</sup>.

O vínculo entre as duas famílias é reforçado na próxima geração, já que o filho de Ali e Fatima, Salim Salam, casou com Koulthoum Barbir, que é neta de Ahmad al-Agharr e filha de Omar Barbir, proeminente jurista de Beirute. Salim e Kulthoum tiveram muitos filhos que se casaram com os(as) descendentes de famílias renomadas não só em Beirute (Tabbara, Beyhum, Ghoraib, Barraji), mas também de regiões mais longes (Khalidi de Jerusalém, Mardam Bey de Damasco). Fazendo isso, aproveitou dos recursos do interior levantino que era durante o período do entreguerras, um espaço árabe de livre circulação tão real que hoje parece ser improvável e compartimentado.

Esta expansão territorial da dinastia Salam através dos filhos de Salim também é o resultado de uma dupla união entre os Salam e a eminente família palestina Khalidi de Jerusalém<sup>35</sup>. Muhammad Salam (1895-1958) casou-se com Fátima Khalidi cujo irmão Ahmad casou-se com Anbara (1897-1986), irmã de Muhammad. Em seguida, a filha mais nova de Salim e Koulthoum, Racha (1922-2004), casou-se com o historiador Walid Khalidi, filho do primeiro casamento do mencionado Ahmad Khalidi (pai, da união com Anbara<sup>36</sup>, do historiador Tarif<sup>37</sup>). Sulafa Khalidi, a irmã de Walid, é esposa de Assem Salam (1924-2012),

<sup>34</sup> KASSIR, Samir. **História de Beirute**. Paris: Fayard, 2004, p. 244.

KHALIDI, Anbara Salam. **Memórias de uma feminista árabe precoce: a vida e o ativismo de Anbara Salam Khalidi**. Londres: Plutão Press, 2013, p. 5.

<sup>35</sup> Sobre os Khalidi, veja BOURMAUD, Philippe. "Notáveis locais e nacionais: famílias Abū Gazālah e Khalidi e a profissão médica, da era otomana ao mandato britânico na Palestina". In: Cahiers de la Méditerranée, 82, 2011, p. 267-296.

<sup>36</sup> Nota da tradutora: Anbara Salam Khalid (1897-1986) foi feminista, tradutora e escritora libanesa, que contribuiu significativamente para a emancipação das mulheres árabes. Ela foi a primeira libanesa, que abandonou publicamente o véu em 1927 durante uma palestra na Universidade Americana de Beirute. Sua memória foi publicada em 1978 onde ela enfatiza os efeitos negativos das atividades do governante otomano da Síria Jamal Pasha sob sua família e sua infância.

planejador urbano respeitado e neto de Salim Salam pelo seu filho mais velho, Ali. A acumulação de capital cultural dos Salam ainda aumentou com o casamento de Hala, filha de Malik, com Clovis Maqsoud, embaixador da Liga Árabe em Washington, depois nas Nações Unidas entre 1974 e 1990, e a de Hayat, filha de Abdallah, com o acadêmico André Liebich. Quanto a Malik Salam (1917-2000), o filho mais novo de Salim, ele ampliou o escopo da dinastia casando-se com Najwa Karami, filha de Abdel Hamid Karami, representante de uma família tradicional de Ulema de Trípoli. Malik tornou-se cunhado de Rachid e Omar Karami que, como políticos sunitas da capital do norte, estão entre os rivais de seu irmão Saeb Salam. A coesão da irmandade Salam não se iniciou apenas com esse recurso dos casamentos.

O segundo recurso da dinastia Salam é a sua posição dominante dentro da Associação Makassed, a principal instituição educacional muçulmana fundada em 1878. Quando Salim assumiu a presidência em 1909, ele transformou profundamente as formas como a instituição operava, tanto na área pedagógica como no recrutamento e captação de fundos. Ao diversificar os campos de ação da associação e a otimização dos investimentos e da gestão do patrimônio, ele fez de suas obras sociais um poderoso dispositivo de patrocínio para a base clientelista da família, e conseguiu manter o controle sobre um formidável corpo de influência política por praticamente quase um século. Três Salam (Muhammad, Saeb e Tammam) sucederam a Salim como presidentes da Associação, cujos consideráveis recursos foram utilizados pela família para responder às demandas dos cidadãos e seus aliados através da distribuição de serviços de divulgação (educação, saúde, habitação)<sup>38</sup>.

O comércio de cereais do patriarca Ali é um lembrete das origens da dinastia Salam assentada sob a indústria agroalimentar. Seu filho Salim foi um comerciante de sucesso que diversificou seu negócio. E o filho de Salim, Saeb, presidiu, quando ele chegou ao poder, o que se tornaria a Companhia Aérea do Oriente Médio, que ele co-fundou em 1945. Em 1956, o irmão de Saeb, Abdallah (nascido em 1909), recuperou o assento da família no Conselho de Administração, que ele conservou até 1983<sup>39</sup>. De 1984 a 1991, seu irmão Malik (Ministro de 1974 a 1975) presidiu o Conselho de Desenvolvimento e Reconstrução, um órgão semi-estatal. Os recursos econômicos e financeiros dos Salam provêm também de seu status de proprietários de terras em Beirute, embora a guerra tenha afetado gravemente seus rendimentos<sup>40</sup>. Ainda

<sup>37</sup> Nota da tradutora: Tarif Khalidi (Jerusalém, 24 de janeiro de 1938) é um historiador palestino, professor de estudos islâmicos e árabes na Universidade Americana de Beirute, no Líbano.

<sup>38</sup> JOHNSON, M. "Política factional no Líbano: o caso da 'sociedade islâmica de intenções benevolentes' (al-maqasid) em Beirute" In: Middle Eastern Studies, 14 (1), 1978, p. 56-75.  
BAUMANN, Hannes. "A ascensão de Rafiq Hariri e a filantropia sunita". In: MERMIER, F. e MERVIN, S. (orgs). **Líderes e apoiantes do Líbano**, op. cit., p. 81-106.

<sup>39</sup> Entrevista com Nawaf Salam, Rabat, 7 de março de 2013.

<sup>40</sup> SKOVGAARD-PETERSEN, Jakob. "A cena religiosa sunita em Beirute". In: Mediterranean Politics, 3 (1), 1998, p. 69-80.

hoje, Hani (nascido em 1937), filho de Muhammad, administra uma holding corporativa (GRC) especializada em recursos energéticos do Golfo.

O quarto recurso dos Salam é a sua tradição de moderação religiosa. Essa tolerância para com membros das comunidades diferentes da sua, incluindo os não-muçulmanos, se manifesta desde o início da dinastia com Ali, que enfrentou a reprovação de seus contemporâneos e colocou seu filho Salim em uma faculdade cristã. Sua atitude inclusiva decorre de uma convicção pessoal: a emulação inspirada pelos métodos e tecnologias ocidentais permitiu saltos qualitativos àqueles que desejavam deles se apropriar. Salim ele mesmo, observando a prática religiosa, cultivou essa mesma atitude liberal perante a religião e insistiu para que os estudiosos não-muçulmanos ensinassem os seus próprios filhos antes deles irem estudar na Europa; ele não hesitou em recrutar professores drusos ou protestantes apesar da forte oposição dos administradores da Associação Makassed<sup>41</sup>.

Essa tolerância religiosa permitiu que a família Salam projetasse uma imagem de si mesma resolutamente modernista e desinibida, por exemplo quando Anbara (filha de Salim) se tornou a primeira muçulmana a não usar o véu em público. Ela levou os Salam a promover um projeto político e social do nacionalismo árabe ao nível do Líbano, o que os tornou famosos nos bairros populares sunitas onde eles podiam então mobilizar os suportes e as milícias, garantindo o apoio sólido dos líderes pan-árabes<sup>42</sup>.

Essas inclinações à indulgência, bem como a solidariedade transconfessional dos fundadores da dinastia, que não impediram uma atenção para os negócios religiosos sunitas, tornaram-se uma constante entre os seus descendentes: tanto Saeb quanto Tammam insistiam com grande ênfase na unidade nacional do Líbano e fizeram das relações inter-comunitárias um elemento central de sua prática política. Este princípio de inclusão enraizado na tradição, e inteligentemente reafirmado, continua ainda por seduzir um público bastante grande, especialmente na sociedade libanesa constituída por minorias amalgamadas e sobretudo nesses tempos marcados pelos radicalismos maniqueístas.

### **Um capital simbólico acumulado pacientemente**

Esses quatro elementos fundadores permitiram que os Salam construíssem um capital moral e simbólico - cultura, *évergétisme*, compromisso político, poder de mediação - que legitima e perpetua a transmissão de seu poder familiar. No entanto, a durabilidade da dinastia não é adquirida. Na verdade, os Salam não dispõem mais de recursos que lhe permitem fazer face aos novos ricos que se tornaram os mestres do jogo político (Hariri, Miqati, Safadi ...). De fato, seu retorno à frente da cena é devido em grande

<sup>41</sup> Sobre os princípios da educação de Salim, veja KHALIDI, A. Salam. **Memórias de uma feminista árabe precoce: a vida e o ativismo de Anbara Salam Khalidi**. op. cit., p. 130.

<sup>42</sup> JOHNSON, M. **Classe e cliente em Beirute. A comunidade muçulmana sunita e o Estado libanês 1840-1985**, op. cit.

parte à vontade de Riyad de não apostar sobre um único peão - Hariri - após a derrocada de 7 de maio de 2008.

A margem de manobra do atual primeiro-ministro Tammam Salam é, portanto, estreita e ninguém sabe disso melhor do que ele. É por esta razão que ele não perde uma oportunidade para fortalecer sua posição local e internacional. Assim ele se colocou como um mediador hábil, apoiado pelo Egito, quando negociou em 2014 a instalação do xeique Deryan como mufti da república para substituir seu antecessor Qabbani, que entrou em conflito com Hariri. Ainda assim, apesar das incertezas que pairam sobre uma nova sucessão geracional<sup>43</sup>, os Salam souberam limitar a dispersão do patrimônio familiar e, ao contrário de outras famílias sunitas como os Beyhum, os Daouq, os Nsouli, os Solh ou os Yafi, se reestabeleceram sobre o tabuleiro político.

### Os Hariri, uma dinastia emergente

Desde 1989, a dinastia Hariri domina a política libanesa. Entretanto, essa dominação a frente do palco político tem apenas duas gerações, quer como deputados, ministros, primeiros ministros ou como líderes da oposição, ela se mantém de maneira ininterrupta.

#### A conquista do centro a partir da periferia

Rafiq Hariri nasceu em 1 de novembro de 1944 em uma família modesta de Sídon. Ele é o mais velho dos três irmãos, composto por uma irmã, a Bahia e um irmão, Walid (mais conhecido como Shafiq). Seu pai, Bahaa Eddine, fazendeiro empobrecido por uma sucessão de colheitas pobres devido ao mau tempo, obteve da Associação Makassed de Sídon, uma bolsa para o filho, fascinado pelo nacionalismo árabe. Depois de deixar os estudos de contabilidade na Universidade de Beirute, Rafiq emigrou para a Arábia Saudita, onde criou uma sociedade de construção que se destacou realizando em tempos recordes a execução um estaleiro encomendado pelo rei Khalid (1975-1982).

Ao desenvolver suas atividades empresariais, que permitiram consolidar a confiança obtida junto ao palácio real saudita, ele colocou seus novos recursos adquiridos ao serviço de sua cidade natal, Sídon. Ele financiou os estudos de 30 mil jovens e contribuiu para a reabilitação do patrimônio urbano. Ao fazê-lo, ele expandiu sua influência sobre o terreno sócio-político local, investindo, gradualmente na escala nacional. Mecenas voluntário, ele multiplicou as obras sociais e as intervenções humanitárias, e se tornou

---

<sup>43</sup> Tammam Salam completou 70 anos em 2015. Mais do que seu filho, é Nawaf (filho de Abdallah), representante do Líbano nas Nações Unidas desde 2007, e Oussama, filho de Malik, presumido como ministro sob Miqati, quem provavelmente serão os futuros representantes da família.

uma figura pública envolvida na resolução do conflito no Líbano (primeiro discretamente, e cada vez mais abertamente depois de 1982)<sup>44</sup>.

Seu modelo declarado é Riad al-Solh, grande figura da independência libanesa, também sunita de Sídon. Depois de ter trabalhado para a assinatura do Acordo de Taif, ele visava conquistar o poder executivo em Beirute, consciente da importância da tutela síria. Desde o momento da sua nomeação como primeiro-ministro, no outono de 1992, ele pretendeu colher os dividendos de uma paz regional. Isso fez da reconstrução de Beirute sua prioridade e o controle desse estaleiro através de uma sociedade de direito privado da qual ele era o principal acionista. Ao mesmo tempo, ele diversificou suas participações em outros setores econômicos (mídia, banco, construção, telecomunicações). Apesar dos confrontos frequentes com o presidente da República e com o Presidente do Parlamento, ele foi primeiro ministro por três governos seguidos, entre outubro de 1992 e dezembro de 1998, data na qual ele renunciou quando seu crédito político ficou marcado por acusações de conflito de interesses<sup>45</sup>.

Determinado a retornar, ele criou uma campanha ousada e obteve uma vitória retumbante nas eleições de 2000<sup>46</sup>. Este sucesso sem igual o tornou o principal político sunita e lhe permitiu assumir a liderança de dois gabinetes sucessivos. Sua renúncia, em outubro de 2004, ocorreu devido ao desacordo com Damasco referente a prorrogação do mandato presidencial de Émile Lahoud. Seu assassinato, em 14 de fevereiro de 2005, levou as Nações Unidas a criar o Tribunal Especial para o Líbano. A comemoração deste evento alimentou um discurso político que marcou a vida política libanesa na década seguinte<sup>47</sup>.

### **A sucessão dinástica: uma herança negociada em família**

Então surgiu a questão de sua sucessão. Uma das pessoas mais proeminentes era sua irmã Bahia, nascida em 1952. Deputada da cidade de Sídon desde 1992, ela acompanhou seu irmão desde o início da carreira política deste. Ela foi responsável pelas questões socioculturais, comprometeu-se com a emancipação das mulheres e representava a família em seu feudo de Sídon. Seus discursos após o assassinato de seu irmão eram direcionados - ela expunha o governo Karami - mas comedidos - incentivava a tolerância transconfessional - o que levou alguns a verem ela como a primeira mulher Primeira Ministra

<sup>44</sup> BAUMANN, H. "Cidadão Hariri e a política neoliberal no Líbano pós-guerra". In: PhD, SOAS University of Londres, 2012.

<sup>45</sup> NEAL, Mark W. e TANSEY, Richard. "A dinâmica da liderança da corrupção eficaz: lições da carreira política de Rafik Hariri no Líbano". In: The Leadership Quarterly, 21, 2010, p. 33-49.

<sup>46</sup> NASSIF, Nicolas. "As eleições legislativas do verão de 2000". In: Arab World Maghreb Mashrek, 169, 2000, p. 116-127.

<sup>47</sup> VLOEBERGHS, Ward. "A fabricação de um mártir: o legado simbólico forjado de Rafiq Hariri". In: KNUDSEN, Are e KERR, Michael (orgs). O Líbano após a Revolução do Cedro. Londres: Hurst, 2012, p. 163-183.

árabe<sup>48</sup>. No entanto, ela afastou rapidamente essa perspectiva e entrou no governo de Saniora como Ministra de Educação de julho de 2008 a novembro de 2009.

O filho mais velho de Rafiq Hariri, Bahaa (nascido em 1967), parecia ser o herdeiro político natural de seu pai. Personalidade ardente, Bahaa representava a palavra da família nos primeiros dias após a morte do patriarca. Em 20 de Abril de 2005, por ocasião do trigésimo dia de luto (*arba'in*), os Hariri publicaram um comunicado anunciando que Saad assumiria "a responsabilidade histórica da liderança política"<sup>49</sup>. Parece que esta decisão resultou de várias considerações. Rapidamente, Bahaa expressou sua vontade de concentrar sua carreira na área dos negócios. Além disso, vários atores políticos exprimiram sua preferência por Saad, cujo caráter afável e razoável o deixava bem visto pelo príncipe herdeiro saudita Abdullah, rei de 2005 a 2015. Essa preferência também foi expressa pelo líder druso Walid Jumblatt (altamente ouvido pelos Hariri no momento do assassinato) e pelo presidente Chirac cujos laços com a família Hariri datam do final da década de 1970, quando Chirac liderou a Câmara Municipal de Paris. Finalmente, Nazek Audi, a viúva de Rafiq Hariri, confirmou seu papel da responsável pelas atividades filantrópicas, dedicando-se à gestão da herança de seu marido<sup>50</sup>.

Saad Hariri é, portanto, impulsionado à frente de uma campanha eleitoral organizada para torná-lo "o líder incontestável de sua comunidade aos olhos de todas as denominações"<sup>51</sup>. Apesar de uma vitória conquistada à custa de grandes despesas, ele optou por um período de atividade como líder do partido *al-Mustaqbal* e deixou o cargo de Primeiro Ministro ao fiel servo de seu falecido pai, Fouad Saniora. Somente após as eleições do verão de 2009 (novamente, muito cara mas conduziu a um gabinete de acordo nacional) é que os dois homens trocam suas funções e que Saad toma as rédeas do seu primeiro governo (setembro de 2009 a janeiro de 2011).

Nascido em Riade em 18 de abril de 1970, Saad é o mais novo de três irmãos do primeiro casamento de Rafiq Hariri (com Nida Boustani, de quem Hariri se separou quando ele começou sua carreira na Arábia Saudita). Ele era muito próximo de Nazek (sua madrasta) e de sua tia Bahia, mas, apesar do seu apego à família, foi especialmente no exterior que ocorreu a sua formação. Seu pai o mandou estudar em Paris e Washington antes de lhe oferecer um assento no Conselho Administrativo do Grupo Saudita Oger em Riade. Foi aí que ele se estabeleceu com sua esposa síria-saudita, Lara al-'Azm, com quem ele teve três filhos (dois filhos, uma filha).

<sup>48</sup> "Preencha esse vácuo". In: *The Economist*, 23 de março de 2005. Disponível em <http://www.economist.com/node/3797573>. Acesso 25.outubro.2017.

<sup>49</sup> O texto está disponível on-line em <http://www.rhariri.com/english.aspx?ID=3281> (acessado em 22 de março de 2016). Três ex-ministros próximos da família (Bahije Tabbara, Samir Jisr e Fouad Saniora) são mencionados explicitamente.

<sup>50</sup> VLOEBERGHES, W. "A dinastia política dos Hariri após a primavera árabe". In: *Mediterranean Politics*, 17 (2), 2012, p. 241-248.

<sup>51</sup> HADDAD, S. "Por quem votamos?", art. citado, p. 341.



Indício de que a sucessão foi o resultado de uma delicada negociação entre diferentes ramos (ajbāb) da família, Saad instalou seu primo Nader Hariri (nascido em 1969), o filho mais velho da Bahia, como chefe de gabinete. Nader atuou como assessor pessoal de Saad e o acompanhou em todas as reuniões importantes. O segundo filho da Bahia, Ahmad (nascido em 1982), foi nomeado secretário geral da Corrente do Futuro (Tayyār al-Mustaqbal), partido político fundado por Rafiq Hariri em 1992. O fato que foram os filhos da Bahia Hariri que integraram o aparelho político da dinastia com o fim de assegurar sua continuidade permite supor que Bahia concordou em deixar seu lugar de herança em troca de um papel para cada um dos seus filhos. Por outro lado, os filhos (dois filhos e uma filha) que Nazek teve de sua união com Rafiq Hariri evitaram falar em público sobre questões políticas.

### **Construções locais, apadrinhamento internacional**

O poder dinástico emergente dos Hariri pode ser explicado em grande parte pela posse de recursos já identificados nos Salam (redes sociais, dominação do tecido associativo, interesses econômicos, moderação religiosa). Sem dúvida, não é uma coincidência que os Hariri tenham tido tempo de se inspirar no modelo dos Salam para superar seus concorrentes, primeiro em Sídon, depois em Beirute. Isso dito, as duas dinastias tendo aparecidas em tempos diferentes, sua velocidade de implantação não é a mesma e também os elementos-chave da sua subida não os são.

Se Rafiq Hariri conseguiu conquistar a cena libanesa, é porque ele soube explorar a confiança da corte saudita - especialmente Fahd bin Abdul Aziz (príncipe herdeiro desde 1975, monarca de 1982 a 2005) - e isso, apesar do acesso que Saeb Salam também tinha aqui. Trabalhou pacientemente, e esse apoio lhe permitiu reduzir ou até mesmo recuperar os fluxos financeiros que os príncipes sauditas pretendiam para a Associação Makassed e, por consequência, e enfraquecer os Salam.

Se infiltrando no principal financiador dos sunitas libaneses e adicionando a amizade pessoal do protetor histórico dos maronitas, a França (através da Presidente Chirac), Hariri construiu uma base muito sólida para assentar sua influência. Com a força dessas conexões, ele não tardou em construir uma rede global de contatos influentes que ele ampliava constantemente e a qual ele pediu repetidamente solidariedade - incluindo apoio financeiro, como evidenciado pelas grandes conferências internacionais de Paris para apoiar o Líbano (em 2001, 2002 e 2007). Essas redes são estruturalmente mais importantes para os Hariri do que entre os Salam, porque permitem renovar o apadrinhamento político que comanda os Hariri e demonstra sua capacidade de mobilizar pessoas influentes ou famosas em benefício do Líbano. Por outro lado, as escolhas em matéria de alianças matrimoniais desempenham um papel secundário para os Hariri, mesmo sendo a esposa de Saad originária de uma família aristocrática de Damasco. Ainda hoje, este benefício do trabalho de desbravamento realizado por seu pai e em seguida a continuação desse processo

é feita cuidando-se das relações ao nível internacional: um *think tank* americano notadamente conduzindo pesquisas financiadas em nome de Rafiq Hariri<sup>52</sup>. Ele continua, além disso, cultivando seu status como principal interlocutor libanês dos sauditas. Como Rafiq Hariri teve a tarefa, no início de sua carreira, de distribuir no Líbano ajuda financeira da Arábia Saudita, também, em dezembro de 2013, Saad foi indicado por Riyad para administrar uma doação de US\$ 3 bilhões para equipar o exército libanês com material francês<sup>53</sup>.

A segunda ferramenta estruturante para o estabelecimento do poder dos Hariri foi a Fundação Islâmica para a Cultura e o Ensino Superior, estabelecido em Sídön em 1979 e dirigido a partir de 1983 pela irmã de Rafiq, Bahia. Esta instituição é para os Hariri<sup>54</sup> o que a Associação Makassed é para os Salam. Como o nome sugere, concentra-se principalmente na promoção da educação da juventude libanesa, via a concessão de bolsas de estudos, mas intervem igualmente nos serviços sociais e em obras de infraestrutura. Claramente, a iniciativa dos Hariri fez emuladores: em 2001, os Salam criaram por sua vez a Fundação Saeb Salam para a Cultura e o Ensino Superior, presidido pelo Tammam. Isso não impediu os Hariri de continuar sua inserção política sobre o terreno inaugurando, entre 2001 e 2008, mais de vinte instituições de assistência social, pedagógica ou alimentar como também centros de saúde pública<sup>55</sup>.

O terceiro fator de sucesso da dinastia Hariri é sua força impressionante sobre meios financeiros incomparáveis: os meios implantados por Rafiq Hariri duramente desequilibraram as relações de poder entre as dinastias. Ao obrigar seus concorrentes a participarem da mudança de escala que ele impôs em particular para as despesas da campanha eleitoral, ele levantou as propostas de participação política. É aqui que os investimentos do bilionário Hariri ao final da guerra faz sentido: a reconstrução, as reformas administrativas, a criação de novas empresas ou ainda o (re) financiamento da dívida pública são todos caminhos abertos ao enriquecimento privado por meios públicos. Hariri esteve envolvido em todos os projetos importantes, que permitiu que ele expandisse sua influência tanto quanto seus lucros. Querendo assegurar a aproximação íntima dos tecnocratas cúmplices, ele criou uma economia política que passou pela criação de renda institucional (patrimonialização das agências estatais), integração em lucrativas atividades industriais (imóveis, bancário, mídia) e a recuperação de programas oficiais (canteiros urbanos, dívidas, empréstimos internacionais do Estado libanês). Sua chegada ao poder num momento em que o

<sup>52</sup> Atlantic Council – Rafik Hariri Center for the Middle East. Disponível em <http://www.atlanticcouncil.org/programs/rafik-hariri-center-for-the-middle-east/about-the-center>.

<sup>53</sup> Esta doação foi suspensa em fevereiro de 2016, oficialmente para sancionar a falta de apoio diplomático do Líbano após o saque da embaixada da Arábia Saudita em Teerã e para protestar contra operações militares do Hezbollah na Síria.

<sup>54</sup> Denominada como Fundação Hariri durante a vida de Rafiq, ela se tornou a Fundação Rafiq Hariri após a sua morte (<http://www.rhf.org.lb/>). Veja também KHASHAN, Hilal. "Como os donatários se relacionam com a concedente: um estudo sobre uma fundação de bolsas de estudo do Líbano". In: Research in Higher Education, 33 (2), 1992, p. 263-273. BAUMANN, H. "A ascensão de Rafiq Hariri e a filantropia sunita", citado.

<sup>55</sup> CAMMETT, Melani. **Comunalismo compassivo: bem-estar e sectarismo no Líbano**. Ítaca: Cornell University Press, 2014, p. 140.

estado era fraco criou um ambiente propício ao negócio e os rápidos ganhos do qual aproveitou toda uma geração de políticos com perfil semelhante (Miqati, Farès, Murr, Safadi) e seus respectivos satélites.

Essas inovações são produtos de um contexto em que os feudalismos familiares do período anterior à guerra tinham sido prejudicados, quando não foram substituídos, por líderes das milícias dominantes quando da assinatura do Acordo de Taif. A partir daí foi relativamente fácil para os Hariri construir uma rede de aliados leais em busca de recursos e relativamente difícil para aqueles que estavam tentando resistir para manterem sua oposição a longo prazo. Como Emmanuel Bonne escreveu, o império Hariri foi construído com base em um "clientelismo de alta qualidade" em que o chefe só teve que garantir o apoio de uma elite comandando as redes subalternas<sup>56</sup>. É graças a este mecanismo alimentado por recursos imensuráveis (empresas privadas, finanças públicas e petrodólares sauditos) que Hariri pôde não apenas quebrar a posição dos líderes tradicionais em Sídon (Bizri, Saad) como em Beirute (Daouq, Salam), mas também se distinguir, entre 1992 e 2005, de qualquer outro ator ou família política, incluindo aí as famílias abastadas, como os Salam. Esta fortuna é um elemento tão importante na estruturação do poder da dinastia, que é compreensível que os problemas financeiros de Saad (que começaram em 2006 e se agravaram em 2011) fizeram suscitar tantos comentários<sup>57</sup>.

O último recurso do *modus operandi* da dinastia Hariri é seu discurso em matéria de religião. Durante todo seu percurso, a família se apresentou como a encarnação da moderação do sunismo muçulmano no Líbano. Na época de Rafiq Hariri, essa postura permitiu um acordo com a burguesia maronita para acabar com a guerra e começar a reconstrução. Depois de 2005, os herdeiros de Rafiq se beneficiaram de uma aliança multi-religiosa para legitimar Saad em seu papel de sucessor da linhagem.

A moderação religiosa dos Hariri é uma estratégia política consensual, ao contrário dos Salam, que resulta de uma orientação filosófica atávica. Tolerante, mas determinado, inspirado também pelo exemplo dos Salam e outros notáveis libaneses, Rafiq Hariri adotou uma posição centrista, provavelmente para seduzir cristãos e muçulmanos, mantendo uma margem de perfil comunitário em caso de necessidade. Continuando o esquema paternal, Saad conseguiu se estabelecer como um defensor de um islamismo tolerável, em oposição aos salafistas ou jihadistas de Daesh. Resta que em função do acordo político tanto Rafiq, como Saad, puderam ser conduzidos para adotar posições nitidamente mais trincheiradas em assuntos confessionais para seduzir a "rua sunita"<sup>58</sup>.

---

<sup>56</sup> BONNE, Emmanuel. **Vida pública, patronagem e clientelismo. Rafic Hariri em Sídon**. Beirute: CERMOC, 1995, p. 98.

<sup>57</sup> **Por que Hariri está de volta no Líbano?** 18 de março de 2016. Disponível em (<http://www.almonmon.com/pulse/originals/2016/03/lebanon-saad-hariri-return-financial-crisis.html>) (acessado em 25 de junho de 2016).

<sup>58</sup> GERVAIS, Victor. "O surgimento político de Rafiq Hariri: magnitude e limite do surgimento da liderança sunita unificada". In: MERMIER, F. e MERVIN, S. (orgs). *Líderes e apoiantes no Líbano*, op. cit., p. 107-136.

Nota da tradutora: consultar "Líbano: rua sunita contra a violência salafista. Após o ataque realizado em Sídon pelo xeique al-assir salafista contra o exército libanês, muitos sunitas se recusam a se opor aos xiitas". Disponível em

Podemos ilustrar a capacidade dos Hariri para manipular o registro religioso e simbólico estudando seu uso do urbanismo como instrumento de poder. A "conquista" de Rafiq de Sídon foi completada pela inauguração póstuma de uma grande mesquita dedicada à memória de seu pai, na entrada da cidade, enquanto uma mesquita mais modesta já havia sido criada em memória de sua mãe. Numa veia ainda mais ambiciosa, Rafiq trabalhou - financeiramente, mas não apenas - na construção da mesquita Mohammed al-Amine na Praça dos Mártires de Beirute, num estilo neo-otomano que simboliza o alargamento da influência sunita no Líbano pós-guerra. Inacabado no momento de sua morte, esta imponente construção domina os edifícios vizinhos: a catedral de São Jorge dos maronitas e um espaço comemorativo que abriga seu túmulo<sup>59</sup>. Reencontramos essa propensão a circunscrever simbólica e materialmente seu território na localização da residência suntuosa de Rafiq, em Qoraytem, no coração do bairro sunita de Beirute e perto de onde os Salam se estabeleceram no distrito de Mossaytbeh. Quanto a Saad, ele marcou sua conquista dinástica de poder se instalando em uma residência chamada bayt al-wasaṭ (Center House), em bairro central de Beirute que foi reconstruído após a guerra. Independentemente de sua proximidade com o núcleo, que permite evitar os deslocamentos arriscados, a nova sede do poder oferece a vantagem de simbolizar pelo próprio nome e sua localização o discurso da moderação (wasaṭiyya) política e defende o acordo comunitário, mesmo que a região caia num confessionismo violento. A desvantagem dessa mudança é a falta de ancoragem popular visto que a nova sede da dinastia não está localizada nos bairros sunitas, os quais constituem sua principal base eleitoral e consideram às vezes o Saad Hariri uma liderança muito apagada.

### Acumulação de capital simbólico

A história da dinastia Hariri é a de uma sucessão construída na urgência após o desaparecimento brutal de seu fundador em 2005. Logo o que marca essa história é a deslumbrante ascensão social e política desse fundador, "Senhor Líbano", no rescaldo da guerra civil. É a metamorfose acelerada de um empresário carismático que se tornou bilionário e de um empreiteiro político que se tornou irremovível.

Seu prestígio e fortuna foram transmitidos para seu filho apenas em parte porque Rafiq não tinha preparado sua sucessão dinástica. Novato na política, Saad de repente encontrou-se em primeiro plano e teve que proceder por tentativas, mesmo se ele soubesse se cercar de conselheiros informados dos quais alguns já estavam na comitiva de seu pai. A fragilidade desse arranjo apareceu várias vezes e a questão

---

[http://www.lepoint.fr/monde/liban-la-rue-sunnite-contre-la-violence-salafiste-25-06-2013-1685759\\_24.php&prev=search](http://www.lepoint.fr/monde/liban-la-rue-sunnite-contre-la-violence-salafiste-25-06-2013-1685759_24.php&prev=search). Acesso 27.novembro.2017.

<sup>59</sup> VLOEBERGHES, W. *Arquitetura, poder e religião no Líbano. Rafiq Hariri e a política do espaço sagrado em Beirute*. Leiden: Brill, 2016.

agora é saber se Saad saberá conservar o apoio do regime saudita, tornam-se mais agressivo sob o plano regional desde os reinados de Salman e seu filho Mohammed. Além de suas dificuldades financeiras persistentes, sua expulsão do cargo de primeiro ministro pelo Hezbollah em 2011, seu exílio seguro auto-imposto e a ausência de uma visão política convincente que poderia verdadeiramente o colocar a serviço da população e não apenas a um circuito clientelista enfraqueceu sua posição. A prova disso é a belicosidade de seus oponentes - Rifi em Trípoli e Beirute Madinati em Beirute – quando das eleições municipais da primavera de 2016. A influência da dinastia Hariri seguiu um percurso caótico nos últimos dez anos e sua sustentabilidade está longe de ser alcançada. Ele retornou para o Líbano em fevereiro de 2016, Saad, no entanto, conservou bons ativos em comparação com outros atores políticos sunitas libaneses, os Hariri fazem parte integrante do Líbano pós-Taif. Seria, portanto, prematuro subestimar os recursos - políticos e financeiros – de Saad Hariri e sua família, recursos capazes de um dia o fazer reencontrar seu posto de primeiro-ministro.

Vários fatores entram em jogo na construção e conservação do poder familiar em um sistema competitivo. Primeiro, o contexto histórico da gênese da dinastia a qual também está relacionada a sua velocidade de implantação. A consolidação a longo prazo dos Salam, família notável das épocas otomana e mandatária, contrastam com a ascensão vertiginosa dos Hariri, nascidos em um mundo onde tudo é feito e desfeito num ritmo claramente mais elevado. Em seguida, o projeto político. A identidade política dos Salam foi construída em torno da ideia de um Líbano independente, pro-árabe e progressivo, mais atento as pessoas do bairro. Os Hariri, eles defendem o legado do fundador: um programa pró-ocidental e cosmopolita, favorecendo a classe empresarial para (re)posicionar Beirute como um centro bancário e turístico no Médio Oriente, comemorando as possibilidades do capitalismo globalizado (para aqueles que tem os meios).

Por outro lado, entre os Salam e os Hariri, a transmissão do poder passa por uma negociação interna da família (ou do clã), de acordo com "a tradição árabe [que] parece desconsiderar a primogenitura ou alguma outra posição por ordem de nascimento, e ainda não reter qualquer noção de preferência para organizar a sucessão política"<sup>60</sup>.

Finalmente, a aparente resiliência das dinastias políticas não deve nos fazer esquecer a ameaça permanente da precariedade. O surgimento de uma crise, o desaparecimento de um aliado, a reversão de alianças, a chegada súbita de um concorrente ou uma gestão arriscada dos recursos familiares podem derrubar o destino de uma dinastia política. De fato, as vicissitudes dessas famílias testemunham a existência de um sistema de alternância constante sobre os fundos de (re)arranjos locais e regionais permanentes. Esse esquema lembra a teoria dos ciclos enunciada por Ibn Khaldūn de dominação e de derrubamento do poder pela força de uma linhagem comum. É este "efeito da concorrência geral dos

<sup>60</sup> BONTE, P.; CONTE, É. E DRESCH, P. (orgs). **Emirs e presidentes: figuras de parentesco e política no mundo árabe**. op. cit., p. 24.

grupos que reivindicam as descendências agnáticas comuns", que explica a sustentabilidade das dinastias no Líbano. Ainda que a analogia com o espírito do corpo (aşabiyya<sup>61</sup>) que contribui na edificação de uma ordem política (dawla) aqui se aplica apenas parcialmente (apenas porque a ordem tribal que estruturou o mundo rural do tempo de Ibn Khaldūn é em grande parte ausente no atual Líbano), pode-se pensar em uma solidariedade familiar no sentido onde o pertencimento (por sangue ou pelo clientelismo) a essa ou aquela dinastia política cria uma coesão potencialmente disruptiva entre seus membros<sup>62</sup>.

No entanto, longe de revelar a existência de energias sistemáticas de eliminação mútua, a alternância de famílias dinásticas demonstra que essas famílias não só não existem de forma autônoma, mas também que elas estabelecem constantemente um acordo entre os mercados privados e os assuntos públicos. Quer elas sejam antigas ou relativamente jovens, as dinastias políticas libanesas, embora rivais, têm necessidade uma das outras para sobreviver. Esta interdependência confirma que elas são, mais do que nunca, dinâmicas, e que a própria noção de família dinástica é um conceito analiticamente relevante para a compreensão da política nesses países<sup>63</sup>.

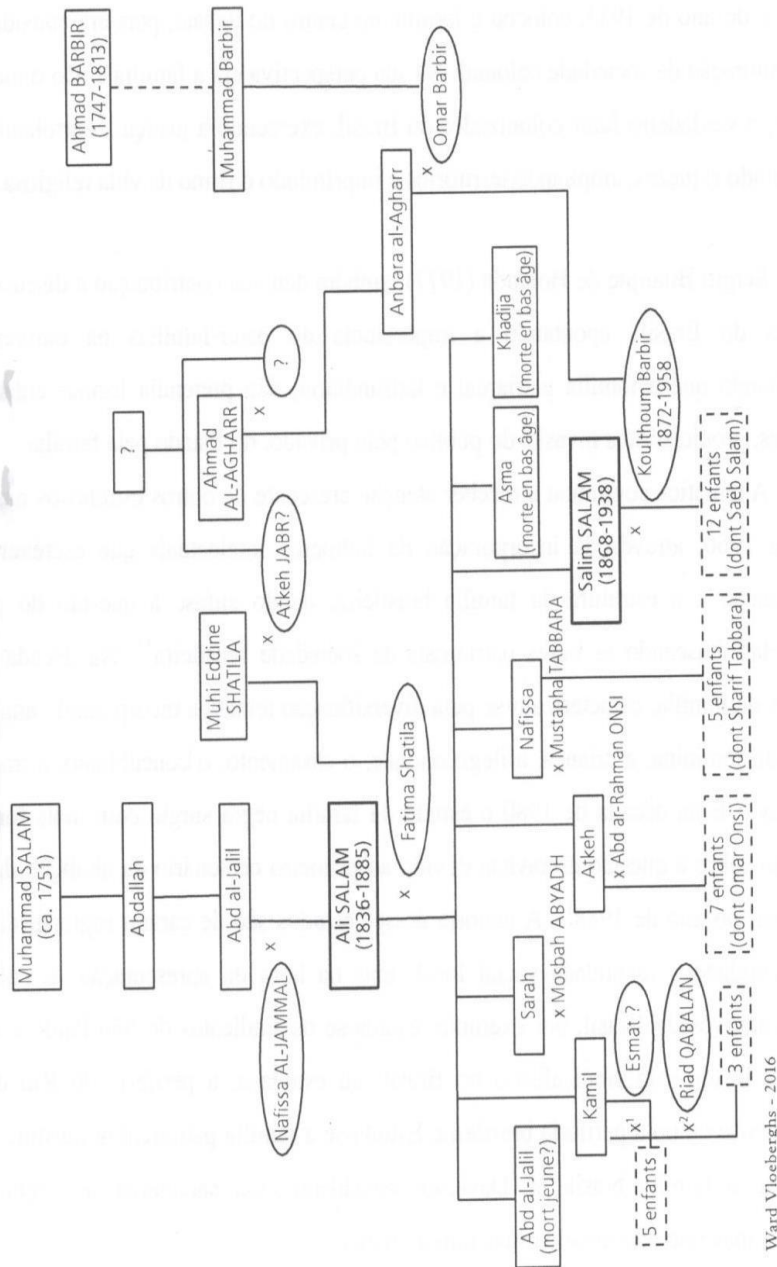
---

<sup>61</sup> Nota da tradutora: Asabiyya refere-se à solidariedade social com ênfase na unidade, consciência grupal e senso de propósito compartilhado em uma coesão social originalmente num contexto de "tribalismo" e "clanismo". Era um termo familiar na era pré-islâmica, mas tornou-se popularizado com Ibn Khaldun, onde é descrito como o vínculo fundamental da sociedade humana e a força motriz básica da história. Asabiyya não é nem necessariamente nômade nem baseado em relações de sangue; em vez disso, ela se assemelha à solidariedade. No entanto, muitas vezes é associado negativamente, porque pode sugerir lealdade ao grupo, independentemente das circunstâncias, ou partidarismo. Ibn Khaldun também argumentou que "asabiyya é cíclico e diretamente relacionado com o aumento e a queda das civilizações: é mais forte no início de uma civilização, diminui à medida que a civilização avança e, em seguida, outra, toma seu lugar para ajudar a estabelecer uma civilização diferente.

<sup>62</sup> Ibn Khaldun sustenta ainda que "a linhagem contém um princípio de degeneração e que o prestígio de uma família desaparece após quatro gerações": "A ilustração de uma família não dura além da quarta geração. Quem quer que tenha sido o construtor da glória de sua família sabe o que isso lhe custou. Ele tem o cuidado de preservar as qualidades que permitiram que essa glória nascesse e durasse. Seu filho, que vem depois dele, que esteve em contato próximo com seu pai, e assim podia ouvir e aprender com ele. Mas é inferior ao pai dele, na medida em que o conhecimento do boato é inferior à experiência direta. O representante da terceira geração se contenta em seguir os passos de seus predecessores e imitá-los. Sua inferioridade em comparação com a segunda geração é o que existe entre um imitador e aquele que pensa por si mesmo. A quarta geração é, em todos os aspectos, inferior à anterior. Seu representante perde as qualidades que permitiram a preservação da glória familiar. KHALDUN, Ibn. **Muqaddima**. Paris: Gallimard, 2002 (Abdesselam Cheddadi), p. 392-393, citado em BOUQUET, O. "Família, famílias e grandes famílias: uma introdução". In: Cahiers de la Méditerranée, 82, 2011, p. 189-211.

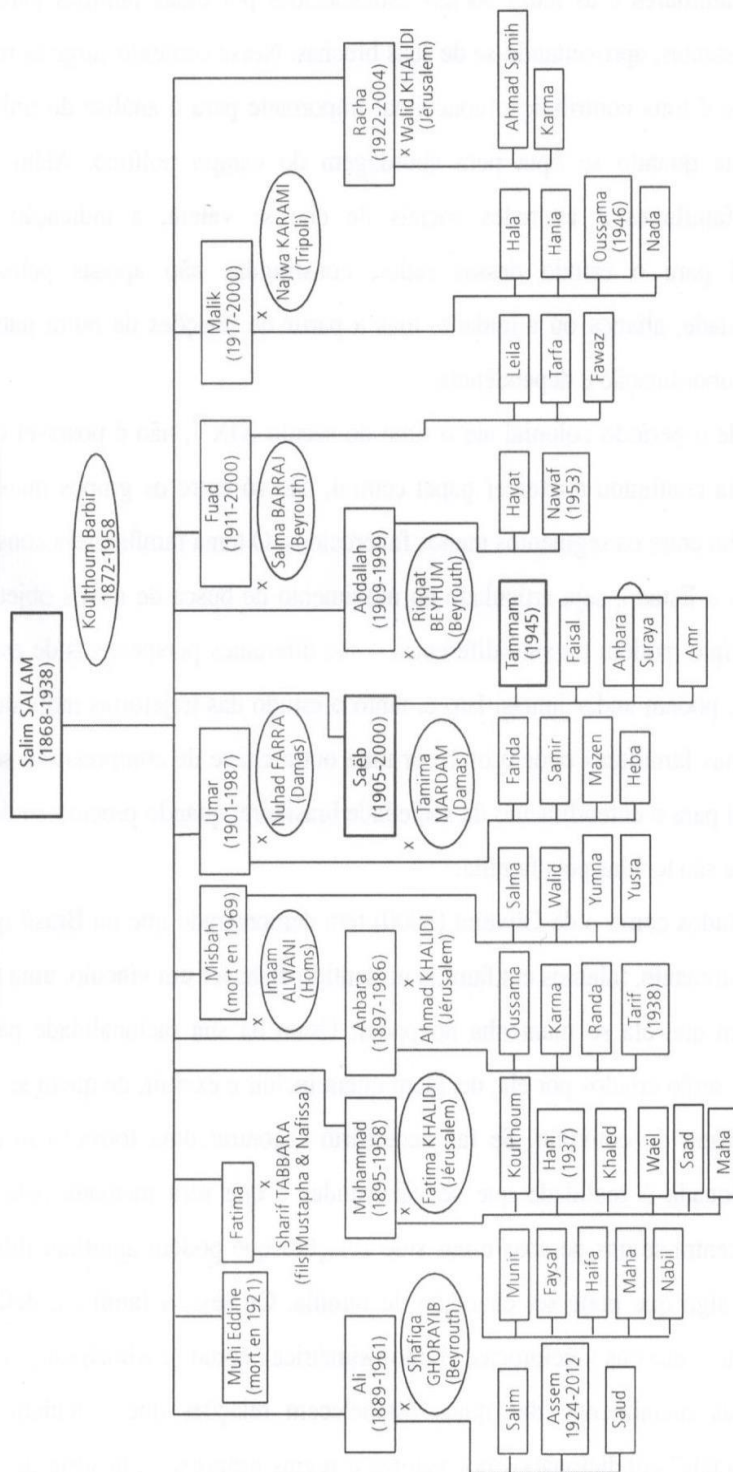
<sup>63</sup> O autor aqui expressa sua gratidão aos revisores pelos seus comentários e sugestões.

Figura 1. A dinastia Salam (de Muhammad à Salim)



Ward Vloeberghs - 2016

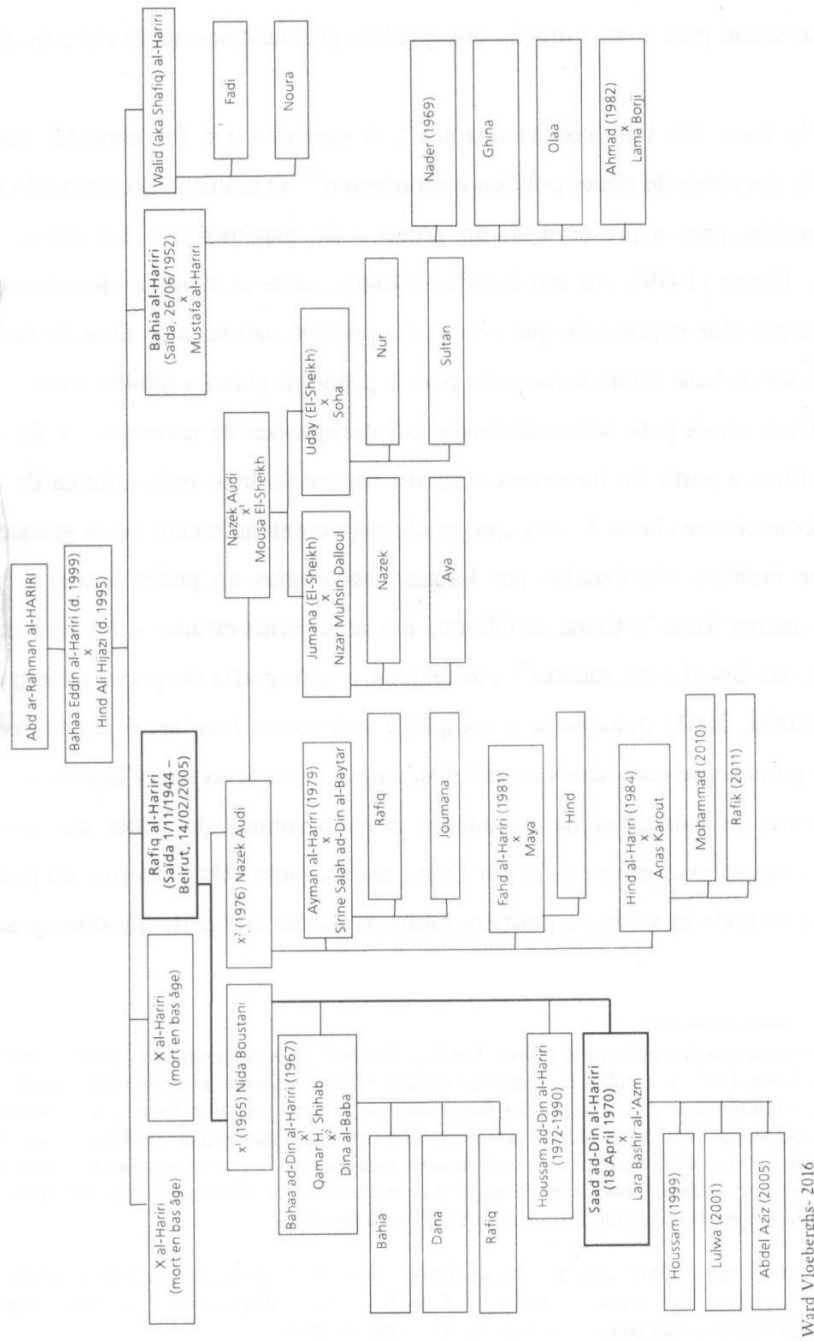
Figura 2. A dinastia Salam (de Salim à Saëb)



Ward Vloeberghs - 2016



Figura 3. A dinastia Hariri



Ward Vloeberghs - 2016